

## SOBRE GEOPOÉTICAS E A CONDIÇÃO CORPO-TERRA<sup>1</sup>

*About geopoetics and the body-Earth condition*

Fernanda Cristina De Paula<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho lida com três reflexões relacionadas à Geopoética: a da geógrafa Lúcia Helena B. Gratão, que convida a uma forma geopoética de se fazer geografia; a de Eric Dardel, cuja reflexão sobre a relação Homem e Terra é exercida via poética; e a do filósofo José Luís Pardo, que propõe a Geopoética como forma de lidar com a Língua da Terra. Entre os três autores há pontos de convergência: a Geopoética se relaciona aos nossos encontros com a Terra, os quais, subitamente, nos causam vertigem, ou encanto, ou, ainda, sensações que dificilmente conseguimos exprimir. Mas, por que seria próprio da Geopoética o encanto, a vertigem, o inexprimível? Aqui, nos apoiando no fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty, pensamos essa questão a partir do corpo, ponderando que todo acontecimento geopoético é tributário de nossa condição Corpo-Terra.

**Palavras-chave:** Geografia Humanista Cultural. Fenomenologia. Lúcia Helena B. Gratão. Eric Dardel. José Luís Pardo.

### Abstract

This paper presents three thinkings about the Geopoetic: one of them is from the geographer Lúcia Helena B. Gratão, which invites us to a geopoetic way to make geography; other is from Eric Dardel: his reflection of the Men and the Earth is performed through a poetic way; and the third thinking is from the philosopher José Luis Pardo, whom proposes the Geopoetic like a manner to comprehend the Earth Language. Among these three reflections there are convergence points: the Geopoetic is related to our encounters with the Earth which, suddenly, causes vertigo, or enchantment, or sensations that we can't get well express. But, why the vertigo, the enchantment or the inexpressible are associated to Geopoetic? Here, we follow the thought of the phenomenology philosopher Maurice Merleau-Ponty to think theses questions about Geopoetic from the body's role. In this context, we propose that every geopoetic event results from our Body-Earth condition.

**Keywords:** Humanist Cultural Geography. Phenomenology. Lúcia Helena B. Gratão. Eric Dardel. José Luís Pardo.

<sup>1</sup> A primeira versão deste artigo serviu de base para intervenção no I Seminário Local do NOMEAR - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, realizado na Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP, em Dezembro de 2014. .

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia, Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas. depaula.fernandac@yahoo.com.br.

✉ Rua Francisco Ferreira Pires, 476, Campinas, SP. 13060-355.

## INTRODUÇÃO

O texto apresentado aqui é uma reflexão sobre Geopoética, com um duplo movimento. Na medida em que o termo Geopoética é, ainda, relativamente pouco conhecido e trabalhado entre aqueles que refletem sobre a relação entre o homem e o lugar, o primeiro movimento é o de apresentar a Geopoética. Para tanto, discorro sobre as discussões de três diferentes autores (Lúcia Helena B. Gratão, Eric Dardel e José Luís Pardo) que pensaram a Geopoética ou que pensam geopoeticamente. Neste sentido, dou ênfase tanto às bases das reflexões desses autores quanto as suas propostas.

Se o primeiro movimento é o de apresentação de como os autores discutem sobre Geopoética, o segundo é o de aprofundamento da reflexão de sua constituição. Embora de contextos, objetivos, épocas e debates diferentes, os três autores trazem alguns pontos em comum, no que tange à Geopoética. Esses pontos em comum são as referências ao súbito, ao inexprimível, à catarse, ao encanto e à vertigem que se perfazem em dados encontros entre homem e lugar. O aprofundamento do debate sobre Geopoética que proponho neste texto, se realiza pela reflexão sobre a constituição desses elementos em comum (súbito, catarse, inexprimível, vertigem) que marcam a Geopoética.

Entretanto, antes de falar especificamente sobre Geopoética, gostaria de iniciar a reflexão a ser empreendida aqui relatando um devir pessoal. Durante a graduação em Geografia, nos trabalhos de campo, subimos em muitos topos, de pequenos ou grandes morros, serras, mirantes. Nesses casos, eu, geralmente, tinha a mesma postura: me isolava, procurava um lugar para sentar e quedava, quieta, percorrendo os olhos pelo horizonte muito longe, muito amplo, variando a postura do olhar entre focar pequenos detalhes ou fazê-lo viver na imensidão

(nas tendências, nas discrepâncias do conjunto). Algumas vezes, sem aviso, me ocorria algo: um embevecimento, um encantamento com aquela vista, uma quase incredulidade em relação àquela beleza incomum (pois, vista, vivida, de cima) e, súbito, me vinha uma angústia, uma inquietação, como uma braveza por viver aquela imensidão e, ao mesmo tempo, estar longe dela. Eu saía ensimesmada dessas ocasiões; com o tempo, soube, que para manejar essa inquietação, a única saída possível era escrever (de forma literária) sobre ela. Chamo, momentos como esses, de acontecimentos geopoéticos.

Gostaria, para trilharmos juntos a reflexão realizada aqui, que o leitor pensasse se algo assim já lhe ocorrera. Que ponderasse se houve algum momento em que, ao se encontrar em um lugar, fosse assaltado, de súbito, por sensações que não esperara, um lugar que o deixara embasbacado ou, subitamente, encantado, extasiado, angustiado (sentir-se movido pelo lugar). Mas, por que chamar esses momentos de acontecimentos geopoéticos? Designa-se poético aquilo cuja imanência já é transcendência; ou seja, aquilo que quando se nos aparece, não fala só de si, pois ao falar de si já fala imediatamente (sem mediação) de outras coisas, de variadas coisas, do mundo, nos provoca sensações que não esperávamos. Reconhecemos o poético pela sua força, qual seja essa de nos causar uma experiência estética (catarse, embevecimento, angústia, alegria, sedução). Portanto, dizer “geopoético” é dizer que os lugares (que a Terra)<sup>3</sup> têm capacidade de provocar em nós uma experiência estética.

3 Ao longo desta reflexão, as expressões “relação homem e lugar” e “relação homem e Terra” são utilizadas como sinônimos, pois correspondem ao mesmo fenômeno. A diferença é que ao falar lugar estou fazendo referência direta ao conceito lugar tal como trabalhado nos estudos da Geografia Humanista Cultural (TUAN, 1974; HOLZER, 1999; MARANDOLA JR., 2012; RELPH, 2012), me posicionado como integrante desta perspectiva em Geografia; enquanto que, ao utilizar o termo Terra, realizo dois movimentos: (1) o de conotar a etimologia da palavra Geopoética; (2) o de denotar o caráter telúrico do lugar ao nomear ou relembrar que todo lugar é Terra, telurismo que é trabalhado tanto por Dardel (2012) e Gratão (2006).

Nesse contexto, chamo aqui de acontecimento geopoético aquele momento súbito, oriundo do encontro entre homem e lugar, onde sofremos vertigem, catarse, encanto ou angústia. E, ainda, gostaria de reforçar: é o acontecimento geopoético que inaugura o termo Geopoética. Se este termo faz sentido nas reflexões acadêmicas, é porque antes de ser perspectiva teórica ou tema, a Geopoética já foi vivida, ela foi acontecimento geopoético.

Assim, o acontecimento geopoético é, aqui, o fio condutor para a apresentação das diferentes discussões sobre Geopoética. Lúcia Helena B. Gratão, em sua proposta de Geopoética, explora a dimensão das imagens poéticas dos lugares, sobretudo a partir de Gaston Bachelard. Eric Dardel, embora não use o termo Geopoética, trabalha essa dimensão da relação entre o homem e a Terra, com uma reflexão de fundo ontológico, baseada em Martin Heidegger. E José Luis Pardo se apoia em diferentes filósofos para defender a Geopoética enquanto uma forma de ler a Língua da Terra. Embora esses autores pensem e discorrem sobre a Geopoética de diferentes formas, um elemento em comum entre eles é basear suas discussões em acontecimentos geopoéticos.

A partir desse elemento comum, uma problemática, ou inquietação, toma forma e origina o segundo movimento do texto (referente à constituição da Geopoética). Os seguintes questionamentos delineiam essa inquietação: como é o devir de um acontecimento geopoético? Que se sucede ao homem, ao lugar, à relação entre o homem e lugar para que essa relação se torne acontecer geopoético? Por que esse acontecimento geopoético se dá subitamente, sem escolha? Por que ele provoca vertigem, seduz e tem algo de obscuro (como apontam os três autores)? Dentro deste contexto, o segundo movimento desta reflexão busca, justamente, discutir essas questões, porque a partir delas podemos abordar a constituição do acontecimento geopoético;

e, conseqüentemente, temos oportunidade de aprofundar a reflexão sobre a própria Geopoética.

A discussão concernente à constituição do acontecimento geopoético é realizada a partir do que chamo aqui de nossa condição Corpo-Terra, baseada no pensamento merleau-pontiano. Se o acontecimento geopoético se dá no encontro entre homem e lugar, temos no fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty uma reflexão sobre a dimensão sensível dessa relação, a qual nos leva a compreender que ser Corpo-Terra é uma condição inalienável de nossa existência. E é refletindo sobre essa condição que podemos aprofundar a compreensão da catarse, do embevecimento, da angústia, da alegria, da sedução, do obscuro que marcam os acontecimentos geopoéticos.

Dentro desse contexto, este trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro movimento (intitulado "Sobre Geopoéticas") está dividido em três seções, nas quais apresento as discussões de cada um dos três autores que abordam a Geopoética. No segundo movimento ("Condição Corpo-Terra"), procuro refletir (a partir do pensamento de Maurice Merleau-Ponty) e desenvolver a noção de Corpo-Terra e o que ela desvela acerca da constituição dos acontecimentos geopoéticos. Encerro o texto retomando as principais discussões empreendidas aqui, relacionando conhecimento geográfico e Geopoética.

## **SOBRE GEOPOÉTICAS**

### *Geopoética, Geografia e Bachelard*

É relativamente comum encontrar o termo Geopoética utilizado nos estudos literários para designar autores e obras cujos temas trabalhados se aproximem de questões da disciplina geográfica; essa utilização é também presente no fazer artístico para além da literatura,

como se observa na “8ª Bienal do Mercosul – Ensaio de Geopoética”, que ocorreu em 2011. A curadoria coloca como objetivo da Bienal discutir, através das artes, a redefinição dos territórios, abordando tópicos como “[...] mapeamento, colonização, fronteira, aduana, alianças transnacionais, construções geopolíticas, localidade, viajantes científicos, nação e política” (FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL, 2011, p.44).

Dessa forma, embora seja comum encontrar o termo Geopoética nas artes em geral, dentro da própria Geografia, temos, no Brasil, Lúcia Helena Batista Gratão como a primeira a trabalhar, discorrer e lançar as bases sobre Geopoética.

Gratão foi professora, no curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina até o início da década de 2010. Em seu doutorado teve como objeto de estudo o Rio Araguaia e durante os trabalhos de campo para a pesquisa, em seus encontros com o Rio, Gratão foi seduzida:

Fazendo a **travessia**... Por múltiplos caminhos de terra e de água... Acabei por **encontrar** as ‘geografias’ que estavam ‘veladas’ – (em mim) – e que ao longo de viagens reais e imaginárias (des)velaram-se em forma poética... (GRATÃO, 2006, p. 170 – grifos da autora)

Gratão sofreu, no encontro com o Rio, uma contecimento geopoético. No seu fazer geográfico se fez presente o prazer, o encantamento, a vertigem no envolvimento com o Rio e com as pessoas do Rio. Em Gratão, se realizou a consciência de que havia uma poética do Rio, a tal ponto que essa poética reverbera na própria escrita da geógrafa.

Após a tese de doutoramento, intitulada “A poética d’ ‘O Rio’ – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!”,

Gratão revisitou<sup>4</sup> as discussões de sua tese, compondo, propondo e discorrendo sobre termo Geopoética e suas bases. São as reflexões dessa palestra, publicada como capítulo de livro “Da projeção onírica bachelardiana aos vislumbres da geopoética” (2006), que acompanharemos aqui.

Gratão (2006) deixa explícito que um dos pontos fortes da realização da tese foi o de encontrar as bases para que a poética do Rio fosse incorporada ao fazer geográfico. Para tanto, a geógrafa apresenta as discussões de três autores, os quais esteiam sua proposta de Geopoética: Gaston Bachelard (filósofo, aliado à Fenomenologia), Yi-Fu Tuan e Eric Dardel (ambos, perfazendo uma geografia de orientação humanista e fenomenológica).

A partir das reflexões bachelardianas, empreendidas em “A poética do espaço” e nos livros sobre os elementos da natureza (terra, água e ar) e o devaneio (enquanto método), Lúcia Helena Gratão encontrou uma base filosófica que sustenta o fazer geográfico desenvolvido em seu doutoramento. Gratão (2006) chama as proposições de Bachelard de “projeto onírico”, que possibilita um fazer poético da/na Geografia, na medida em que discute a força das imagens poéticas do lugar.

Em Yi-Fu Tuan, Lúcia Helena encontra a discussão de uma geografia que traz as emoções, os sentimentos, a arte, a poesia como elementos com os quais o geógrafo deve lidar para compreender a experiência humana do lugar. E, dessa forma, encontra o esteio e a abertura para uma Geografia que seja feita via poética.

Em relação a Eric Dardel, Gratão (2006) destaca que encontrou a revelação de uma poética geográfica na expressão “geograficidade”. Essa noção dardeliana se torna importante nas discussões de Gratão por denotar uma cumplicidade entre homem e Terra; e, nessa linha,

<sup>4</sup> Na palestra que proferiu no “Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente” (SINPEC), realizado em Londrina, em 2005.

mais do que cumplicidade, poderíamos pensar geograficidade como o qualitativo daquele que tem a geografia como constituinte de seu ser. A obra de Dardel também se faz importante para o pensamento sobre Geopoética da autora na medida em que há uma ênfase telúrica nos argumentos dardelianos e uma escrita geopoética ao longo de todo o livro "O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica".

Assim, é a partir dos acontecimentos geopoéticos sucedidos junto ao Rio Araguaia e dos três pensadores (Bachelard, Tuan e Dardel) que permitiram uma base filosófica e conceitual para um fazer geográfico poético é que Lúcia Helena propõe discutir o termo Geopoética. Para Gratão (2006), a Geopoética é uma maneira poética de fazer geografia, de se desprender de trazer apenas textos científicos para compreender a relação do homem com o lugar e se abrir à possibilidade de pensar essa relação também na sua dimensão sensível, na cumplicidade entre homem e Terra: expressa nas artes, nos sentimento, nas emoções das pessoas em relação aos seus lugares. Para a geógrafa, a geograficidade (dado de nossa existência) se expressa na Geopoética (GRATÃO, 2006).

Assim, acompanhando Lúcia Helena, temos que as vertigens, a sedução, a alegria despertadas pelo encontro com o lugar e a relação íntima, amorosa das pessoas com os lugares podem se configurar em um caminho teórico-metodológico para construir ou, ainda, revelar a geografia que se desenrola em nossas vidas. Assim, para Lúcia Helena, Geopoética é uma postura, uma forma de fazer Geografia.

Neste contexto, reforçamos que essa prática geográfica colocada por Gratão brota do acontecimento geopoético; é a verdade e a força desses acontecimentos, dessas experiências, que outorgam essa prática como uma via para aprofundar a reflexão sobre a relação homem e lugar. No entanto: como e por que se realiza essa sedução entre indivíduo e lugar? Por que a felicidade ao se deparar com um lugar? Por que as pessoas amam os lugares? Por que acontecimentos

geopoéticos, tais como os trabalhados por Gratão, são marcados por essas seduções, paixões, felicidades? Dessa forma, se Gratão nos desperta para a Geopoética enquanto um modo de se fazer Geografia, o que gostaríamos de aprofundar, sobretudo no segundo movimento deste trabalho, é a reflexão sobre a experiência (acontecimento geopoético) que vibra na Geopoética e que, conseqüentemente, a funda.

A seu próprio modo, Eric Dardel também aborda acontecimentos geopoéticos. A seguir, apresentamos as discussões do autor.

*Dardel: "existência e realidade geográfica"*

Eric Dardel, francês, foi um intelectual e professor de Geografia e História em um liceu, cuja atuação se deu na primeira metade do século XX. Refletiremos sobre Geopoética a partir de seu livro "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica" (de 1952). Este livro é considerado a primeira obra que realiza uma reflexão sólida da Geografia se orientando pela Fenomenologia.

Em nenhuma parte deste livro, Dardel utiliza o termo Geopoética. No entanto, é a partir de acontecimentos geopoéticos que Dardel pensa, apresenta e discute a natureza da realidade geográfica. Esses acontecimentos aparecem na forma dos comentários do autor em relação a relatos de viagens e personagens da literatura ou, ainda, a partir de excertos de poesias. Assim, ainda que Dardel não utilize o termo Geopoética, lida com fenômenos que reconheço como tal.

A relação entre o homem e a Terra é discutida ao longo de todo livro de Dardel, mas é, especialmente, na seção "Existência e realidade geográfica" que o geógrafo estabelece a base dessa relação. Os argumentos do geógrafo estão centrados em três noções: a realidade geográfica, a tonalidade afetiva e a Terra (fundo escuro, *physis*); sobre os quais discorreremos a seguir.

A **realidade geográfica** se faz presente a nós a partir do horizonte material de nossas ações (DARDEL, 2011): o chão, o relevo, as cores, ar, rua, água, postes, altura, o pátio da escola, vales, prédios, chuva, chuva sobre a favela, vento, o auditório, mar, lavoura, cidade pequena, cidade grande. Defendendo que a ciência geográfica diz respeito ao que nós vivemos, Dardel (2011) argumenta:

A geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada [de nós], ela só trata do que me importa ou do que me interessa em alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem-estar, meus projetos, minhas ligações. A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde trabalha, o horizonte de seu vale, ou sua rua, seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. A realidade geográfica, exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela o restringe e o aprisiona, o ata à "gleba" (DARDEL, 2011, p. 34).

Os lugares, os ambientes, suas cores, seus cheiros, atenta Dardel, constituem a realidade geográfica; e essa realidade nos impacta, impacta nossa vida, nossos projetos, nossas ideias, a todo o momento.

Ao discorrer sobre a realidade geográfica, Dardel (2011) descreve e cita lugares, coisas, a materialidade, mas também atenta: a realidade geográfica é sempre solidária de uma **tonalidade afetiva**. Pois a realidade geográfica, sua objetividade, impulsiona a subjetividade; esse argumento é reforçado pelo autor ao citar situações limites em que, por exemplo, um lugar (realidade geográfica) pode suscitar simpatia ou desencantamento (tonalidades afetivas). No exílio, a geografia externa (a realidade geográfica) reforça a angústia, o isolamento, o afastamento do lar (tonalidade afetiva) (DARDEL, 2011).

Dardel aponta, a partir das ponderações sobre a realidade geográfica e nossas tonalidades afetivas, a indissociabilidade existencial entre o

homem e a Terra. O geógrafo reforça essa premissa ao argumentar sobre o sono.

[...] a Terra é experimentada como **base**. Não somente como ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda "posição" de existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer [...]. O sono, declarou Emmanuel Lévinas, ao dissolver nossas relações usuais com as coisas particulares, nos convida a nos concentrarmos sobre essa base, nos coloca imediatamente em relação "com o lugar como suporte do Ser" (DARDEL, 2011, p. 40 – grifos do autor)

No sono, de acordo com Dardel, nossa condição terrestre se torna mais evidente. No sono nossos objetivos, projetos, interações com os outros têm suas forças diminuídas e, dessa forma, o fenômeno que se sobrepõe é o da solidariedade entre o indivíduo e o solo da existência (DARDEL, 2011). Se o sono é um certo tipo de desligamento do mundo, quando o mundo está desligado resta a força e a verdade de nossa condição terrestre.

A indissociabilidade entre a realidade geográfica e tonalidade afetiva, apresentada pelo geógrafo, é a mesma indissociabilidade que ocorre no sono; nas palavras de Dardel: nossa relação fundamental com a Terra (DARDEL, 2011).

Assim, em um primeiro momento, parece que para delinear a relação entre homem e Terra, Dardel teria nos falado da relação entre dois polos bem opostos: o sujeito (e sua subjetividade, sua tonalidade afetiva) e o lugar (e sua objetividade, sua materialidade). No entanto, Dardel complexifica a relação entre esses dois polos ao afirmar que existe algo de inexprimível e obscuro na nossa relação com a Terra.

Eric Dardel inicia seu argumento sobre esta obscuridade citando um trecho do texto "A origem da Obra de Arte", do filósofo Martin Heidegger. Neste trecho, temos a descrição de que algo se "abre" (se revela) em um templo sobre um rochedo, em uma noite de tempestade;

firme, sob a tempestade e sobre o rochedo, o templo revela a violência da intempérie. O próprio rochedo dá ao dia a luz, ao céu a imensidão, à noite a obscuridade. A firmeza e o silêncio do rochedo e do templo acentuam o rugido das ondas. Heidegger diz que, via templo, algo sai à luz, algo se abre à totalidade. E esse algo é a Terra. Dardel diz, sobre o excerto de Heidegger: “Escusado será dizer que nessa passagem a Terra, deixando seu significado propriamente geográfico, designa o fundo escuro de onde todos os seres saem para a luz, e a essência da Terra é o que esconde algo sempre em cada um deles [...]” (DARDEL, 2011, p. 42).

De acordo com Dardel, na arte, no trabalho, na lida com a realidade geográfica, nos esforçamos para tirar as coisas desse fundo escuro. E quando abandonamos as coisas, é a esse fundo escuro que elas retornam. Tirar as coisas desse fundo escuro é, podemos aventar, fazê-las ter sentido à nós, tal como (ao construir o templo) tirar da Terra um abrigo, “tirar da costa o torpor da noite” (DARDEL, 2011, p. 42). Mas, ressalva Dardel, ainda que pelo trabalho, pela arte, pela lida, tentemos retirar as coisas do fundo escuro, elas ainda permanece nelas. Dardel explana sobre esse ocultamento (do ser das coisas), sempre presente, ao argumentar que mesmo que utilizemos todo nosso poder racionalizador, não conseguimos compreender certos caracteres da nossa relação com as coisas, com os elementos terrestres.

Por exemplo, o encontro com esse rochedo poderia fazer vibrar algumas sensações: se postar ao pé dele (o rochedo demasiadamente alto, negro, úmido de chuva e das ondas do mar) e sentir que o rochedo nos ameaça, nos resiste, assombra ou, mesmo, nos desperta algo sobre o qual tenhamos dificuldade de exprimir. Como compreender esse encontro? Como compreender a vertigem? Por que isso ocorre? Como compreender esse acontecimento geopoético? Ainda que utilizemos as leis das ciências, ainda que quebrems o rochedo em vários pedaços, não compreenderemos seu elemento terrestre, ou seja, aquilo que,

parece, é o promovedor do indizível, das sensações inesperadas; sendo o fundo escuro o promovedor desse indizível. Algo da Terra sempre está aquém de nossa compreensão e, podemos, no máximo, sentir essa zona obscura ou nos voltar para as religiões orgiásticas ou para o início dos primeiros mitos (DARDEL, 2011), via pela qual poderíamos (senão explicar) ao menos viver esse fundo escuro. Quanto mais tentássemos entender esse fundo escuro via ciência, mais nos afastaríamos da sua fonte de existir, diz Dardel (2011).

Nesse sentido, o próprio Dardel (2011, p. 44) coloca a questão e a responde: “Como reconhecer aquilo que não conhecemos de alguma maneira? Pressentimento ou aspiração”. Somente o viver sensível das coisas (e nisso pressentir, aspirar), qual seja, vivê-las geopoeticamente, nos aproxima do fundo escuro. Se sempre estamos tentando trazer as coisas à luz, há situações em que é a obscuridade da Terra (que está aquém de nosso entendimento) que se faz presente (DAL GALLO, 2015). Dessa forma, o geógrafo segue exemplificando, com situações, nossa comunhão entre ser e Terra; situações marcadas pelo indizível, pelo inesperado (pelo poético) no encontro entre homem e Terra.

Nessas situações, sensações surgem antes de qualquer racionalização, explicação. Como o homem que encontra pela primeira vez o mar e, ao invés de susto, de espanto frente à paisagem nunca vivida, reconhece atavicamente o mar, percebendo que (desde sempre) em seu ser se fazia uma tendência profunda para essas águas. Ou como o personagem que, subitamente, descobre o Sena pela janela do quarto e o turbilhão que é água, árvores, cidade e céus provoca não admiração, mas impotência, levando o personagem ao soluço, à angústia. Dardel (2011) comenta também esses:

[...] espetáculos que, em situações afetivas determinadas, provocam uma **atração** irresistível, uma vertigem, um pedido para morrer, quando a beleza da paisagem ou a intensidade do sol criam um vazio em torno do homem e o deixam com a tentação de se juntar ao nada, como acontece nos terraços de

Capri ou na Giralda de Sevilha (DARDEL, 2011, p. 44 – grifos do autor).

As situações que Dardel aponta como momentos que testemunham tanto a relação atávica entre homem e Terra, quanto a obscuridade da Terra nessa relação, são as mesmas situações que compreendemos aqui como acontecimento geopoético. Portanto, se é essa obscuridade que se mostra em tanto que se oculta nos acontecimentos geopoéticos, refletir sobre esse fundo escuro auxiliaria na compreensão da Geopoética. Assim, perguntamos: Por que o fundo escuro é um atributo da Terra e não do homem (como Dardel dá a entender)? Por que ele se oculta? Por que há algo de inexprimível nele? Que é esse fundo escuro, zona de onde brotam os acontecimentos geopoéticos?

Talvez exista uma possibilidade de avanço nessas questões, se nos detivermos nas considerações de Pardo (1991), uma vez que nele também encontramos o inexprimível, o obscuro e a vertigem no encontro com os lugares; e, é provável, encontramos também uma correspondência entre o que Dardel chama de **fundo escuro** e o que Pardo chama de **Língua da Terra**.

### *A língua da Terra e a geopoética*

José Luis Pardo é um filósofo espanhol, ainda em atividade, que publicou diversos livros, dentre eles “Sobre los espacios pintar, escribir, pensar”, de 1991. Neste livro que, poderíamos dizer, gira em torno de formas de pensar o espaço<sup>5</sup>, há um capítulo dedicado à Geopoética.

<sup>5</sup> Embora Pardo (1991) utilize o termo espaço, opto aqui por utilizar o termo lugar na maior parte da apresentação de sua obra. Isso, porque, me orientando pela Geografia Humanista, entendo que espaço é o conceito que se reporta à abstração de nossas experiências, as quais são sempre no/do lugar (em outras palavras, espaço não existe). Dado que Pardo (1991), na maior parte das vezes, está se referindo a experiências no/do lugar, apresento suas discussões através deste termo. Para ver mais detalhes da questão e relação entre lugar e espaço ver Casey (1993).

O que atravessa o livro de Pardo (1991) é um problema a ser resolvido, referente ao encontro entre um homem e o lugar. E esse encontro/problema é usado para refletir de forma mais ampla a natureza da experiência humana com a Terra (PARDO, 1991).

O problema em torno do qual a discussão de Pardo gira advém do personagem Sorger, do livro “Lento Regresso”, de 1942, do escritor austríaco Peter Handke. Sorger, um cientista (geólogo), sai da Europa para se instalar e estudar o extremo norte do continente americano. No entanto, quando instalado, surge um problema, um obstáculo: diante do deserto de gelo, do povo do extremo norte, da mulher do extremo norte, Sorger percebe que o lugar é vazio. A língua europeia (e, mesmo, a dos homens) não tem discursos ou palavras para tornar aquele lugar inteligível para ele. Pardo (1991) destaca que o cientista sofre uma vertigem:

El lenguaje se queda mudo ante las formas de la tierra cuando a sensibilidad descubre fuerzas inhumanas y extrahistóricas (indiferentes a la historia de los hombres y a sus sucesos) que latem en su interior; es como si ahí compareciese lo esencialmente escrito que, sin embargo, es lo que no se puede d-escribir (PARDO, 1991, p. 17).

A língua, coloca Pardo (1991), é criada pela História. As guerras, as mortes, os costumes, as vitórias se imprimem na língua, abre a aceitação de um povo a algo ou consolida a recusa a uma forma de pensar e/ou agir. A língua europeia, ocidental, urbanizada, consegue dar sentido ao mundo europeu, ocidental, urbano; no entanto, essa língua não faz surgir o sentido do lugar de gelo, não dá conta de, ali, ler a Terra (que é extrahistórica, inumana). Sorger percebe, também, que parte de sua vertigem provem também do fato de que a própria Terra possui uma língua, uma língua que não é marcada pela história e pelos sucessos humanos, mas que é feita e refeita, falada, exercitada pela



própria Terra: discursos, símbolos e significados, regras geodinâmicas que se realizam entre os elementos terrestres. No limite, a Língua da Terra é inacessível ao homem. Como o cientista Sorger pode estudar um lugar vazio, pois mudo?

É necessário atentar que não apenas o encarceramento em sua própria língua europeia impede que Sorger sinta e, assim, compreenda o lugar (que apreenda a Língua da Terra). Sua vertigem provém, também, de uma impossibilidade: a de tornar o sensível em um “puramente inteligível”. Pardo (1991) argumenta que todas as vezes que o pensamento, que a tradição filosófica, tentou outorgar ao espaço a dignidade de um conceito sempre acabou por traí-lo: Platão colocou que o espaço só é acessível em sonho; Leibniz afirmou que o espaço não é real (não possui essência), é só uma maneira de considerar as coisas. Para Pardo (1991), Kant foi quem conseguiu chegar ao cerne do problema: o espaço é uma forma de sensibilidade e seu caráter inexprimível atesta a especificidade da sensibilidade em relação ao entendimento, qual seja: a sensibilidade encerra sempre algo de insuperável, de irreduzível que o puramente inteligível não é capaz de abarcar. A metafísica fracassou em pensar o lugar justamente por tentar pensá-lo retirando aquilo que está em ser cerne, a sensibilidade.

A língua humana, a língua europeia, a metafísica, a ciência não contribuem para resolver o problema de Sorger: o de compreender a Língua da Terra. No entanto, o personagem reconhece na vertigem (no obstáculo) a oportunidade de conceber um esquema distinto para compreender e expressar o lugar. É na busca por este outro esquema que o pintor, o escritor e o filósofo (*pintar, escribir, pensar*) ganham relevância nessa empreitada, pois é a partir das ações deles (ou, de compreender as ações deles) que seria possível tornar um lugar vazio em um lugar sensível (passível de ser sentido), legível e inteligível (PARDO, 1991).

Assim, Sorger descobre que ao desenhar e pintar o lugar, descrevê-lo e, assim, pensá-lo a partir da arte, cria uma relação com o lugar. E essa relação o retiraria da angústia de estar diante da Língua da Terra, mas de ser incapaz de lê-la. Isso porque, essas atividades se criam e fazem sentido na dimensão do sensível. De acordo com Pardo (1991), ao pintar, ao desenhar, ao descrever, ao renunciar aos nomes, ao se abandonar ao lugar do extremo norte (no sentido de não tentar explicar o lugar e, sim, de senti-lo) Sorger permite que o lugar passe a habitá-lo. Nesse sentido, o hábito abre no corpo uma apreensão sensível do lugar; a qual seria a única maneira de se aproximar da Língua da Terra.

É esta solução para lidar com a vertigem e a angústia (ante o extremo norte do continente americano) que Pardo propõe chamar de Geo-poética. A poética enquanto via de compreensão da Terra e, mesmo, como uma das escalas de representação da ciência geográfica (PARDO, 1991).

O que vemos aqui é que o problema de Sorger é um acontecimento geopoético, o qual articula toda discussão de “Sobre los espacios pintar, escribir, pensar”. Como nas situações exploradas por Dardel (2011), também no acontecimento geopoético trabalhado por Pardo (1991), a pessoa se depara com um lugar e isso lhe suscita emoções, sentimentos; e, para falar desse acontecimento, termos correspondentes aos dardelianos reaparecem: vertigem, angústia, o inexprimível, o obscuro marcando o encontro do homem com a Terra.

Se em Dardel (2011), o inexprimível é imputado ao fundo escuro da Terra, em Pardo (1991) é imputado à Língua da Terra. De qualquer forma, para ambos os autores, só há uma forma de lidar com essa obscuridade: a dedicação ao sensível, que em Dardel (2011) é se abster de explicar e apenas sentir ou retornar às religiões orgiásticas, ao mito e, em Pardo (1991) é habitar, via poética, o lugar (Geo-poética).

Nessa medida, uma questão merece atenção: a geopoética é a atividade, a abordagem, a postura para lidar com a dimensão obscura do lugar, tanto para Pardo quanto para Dardel. As perguntas que surgem são: de onde vem essa obscuridade, pensada como fundo escuro e como Língua da Terra? Ambos os autores destacam que essa obscuridade é da dimensão do sensível; mas que sensibilidade é essa? Por que ela é inacessível ao entendimento?

### CONDIÇÃO CORPO-TERRA

Retomemos o que os três pensadores, Gratão, Dardel e Pardo dizem sobre Geopoética.

Gratão (2006), ao nos convidar a sonhar junto com Bachelard, nos convida também para outra forma de pensar, manejar, sentir o conhecimento; uma proposta de ampliar o fazer geográfico. E esta proposta é oriunda de um acontecimento geopoético ao se encontrar com o rio, com a água. E por que a água a encanta de tal forma? E por que a felicidade, o prazer do encontro? Por que água leva ao devaneio?

Dardel (2011) traça nossa relação existencial com a Terra (sendo essa relação existencial a condição de todo nosso conhecimento geográfico). O autor nos mostra que, em várias situações, essa relação entre homem e Terra não é clara para a racionalidade: o encontro com a Terra pode nos angustiar, trazer vertigem, encantar, sem que seja possível explicar o porquê. Há um fundo escuro na Terra, obscuridade que se revela na nossa relação com ela. Quanto mais tentamos racionalizar para compreender esse fundo escuro, mais nos afastamos de sua compreensão. Só a poética das artes, das religiões orgiásticas, dos mitos se aproximam dele (DARDEL, 2011). Que fundo é esse? De onde brota esse inexprimível?

Sorger, cujas venturas acompanhamos com Pardo (1991), sofre angústias ao lidar com o inexprimível, sofre vertigens: diante do deserto de gelo do extremo norte da Terra, das praias geladas, do povo do extremo norte, da mulher do extremo norte. Há, reconhece Sorger, uma Língua da Terra inacessível a ele; e só a Geopoética pode tornar o lugar (o deserto, a praia, o povo, a mulher) inteligível, descritível, pensável. Pardo (1991) cita Kant: o lugar é da categoria do sensível e o entendimento não consegue adentrar esse reino.

O acontecimento geopoético movimenta em nós as sensações de: intraducibilidade, encanto, obscuridade, vertigem, felicidade, angústia. O acontecimento geopoético se realiza na nossa sensibilidade em relação à Terra. Pensar e viver o sensível é um caminho para ampliarmos a compreensão acerca desses acontecimentos geopoéticos e, conseqüentemente, a compreensão da Geopoética.

Que a experiência nos diz sobre ser sensível? Dizer sensível, se sentir sensível sempre pressupõe o encontro com algo; e, pelo **encontro**, ser **afetado** por esse algo. Dizemos sensível para nos reportar às sensações, emoções, ideias despertadas em nós a partir do encontro com algo. Assim, podemos colocar, que o acontecimento geopoético se origina do estar sensível à Terra. Por exemplo: ando por uma trilha e após uma curva da estrada, subitamente, me deparo com uma visão de cima, uma visão ampla, de um conjunto de morros, um sol morno sobre e entre as árvores, a ondulação preguiçosa das curvas do relevo. Uma paisagem nunca vista. Meus olhos percorrem os morros, o céu, as árvores, sem que eu propriamente decida olhá-los; se perfaz em mim um deleite em uma sensação de suspiro: um inflar e desinflar do peito, sem que o suspiro propriamente dito passe pela boca. Um sorriso, satisfeito, atravessa meu rosto, um embasbacamento suave misturado a prazer me toma, sem aviso. Encontrar um lugar e ser afetado por ele é: ser sensível ao lugar.

Observemos que na experiência de ser sensível, temos como condição o corpo<sup>6</sup>. O encontro com o que nos afeta (seja lugar, pessoa, ideia) só é possível pelo corpo; esse encontro só acontece porque meu corpo me informa sobre o aparecer dos fenômenos, porque a percepção é a única via da co-presença entre corpo e mundo (MERLEAU-PONTY, 2013). Sei como o fenômeno me afeta porque sinto essa afetação em meu corpo: quer essa afetação seja medo, angústia, felicidade, prazer, vertigem, empolgação (dado que a qualquer e todos os estados de consciência, como estes, corresponde um conjunto sensações corpóreas, de esquemas corporais).

Assim, podemos dizer que todo acontecimento geopoético pressupõe uma situação: um indivíduo-sensível-ao-lugar. E essa situação se realiza via corpo.

O corpo é o fundo necessário ao espetáculo que é o mundo, diz Merleau-Ponty (2011). É pelo corpo que sinto o embasbacamento frente à vista de um mar de morros; é pelo corpo que se reconhece a angústia frente à descoberta do Rio Sena pela janela do quarto, e é o corpo que expressa essa angústia, no choro. A vertigem de Sorger, frente ao deserto de gelo, não é só a palavra “vertigem”, ela é a inquietude dos olhos que perscrutam a vastidão, do rosto que inconscientemente se crispa frente à impossibilidade de ler, a contento, o lugar. Pelo corpo, Gratão (2006), encontra as águas, pelo corpo (olhos, mãos, nariz, boca, pés, joelhos, suor) ela lida com a poética da água, ela sabe da fluidez, do cristalino das cores da água, do cristalino que é também cheiro, que é também som; ela sabe que é feliz no encontro com as águas porque o prazer e o encanto atravessam seus olhos, seus sorrisos. Dizer que

<sup>6</sup> Em consonância com Merleau-Ponty (2011), destacamos que corpo não está absolutamente dissociado da consciência ou da noção de espírito. Portanto, quando dizemos corpo, estamos falando não só do conjunto de órgãos sensíveis ao exterior, mas, particularmente, da união indissociável entre esse conjunto e a consciência.

Gratão se encanta é dizer que seu corpo se encanta. “Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre outros, ele é um objeto **sensível** a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores...” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 317)

A partir dessa passagem de Merleau-Ponty, é preciso reconhecer que o corpo tem seu papel na nossa relação com o lugar não só no acontecimento geopoético, o corpo é uma condição ontológica: nós só somos capazes de viver e conceber e pensar lugar porque somos corpos. Nós somos os lugares em que estamos. Nós somos os lugares em que nossos corpos estão. E isso se dá por um fato ontológico: o corpo é sensível ao mundo.

Em outras palavras: nossas alegrias, nossos amores, nossas introspecções, nossas caminhadas, nossos projetos, todos os nossos projetos, todas as nossas ações são atravessadas (impactadas, encarnadas, possibilitadas, atrapalhadas, promovidas) pelo encontro do corpo com o lugar. Esse encontro, de acordo com Merleau-Ponty (2011), conforma um campo perceptivo, o qual conhecemos como mundo. Nós sabemos o mundo via corpo.

No entanto, na medida em que o papel do corpo na nossa existência é constante, nós pouco tematizamos isso, nós pouco atentamos, conscientemente, a isso. Há dois importantes fatores relacionados à relação do nosso corpo com o lugar: (1) nós nos esquecemos do papel do corpo; e nós só podemos obliterar seu papel porque (2) construímos o mundo em vistas de certa confortabilidade para corpo.

Não damos importância ao papel do corpo no nosso dia-a-dia, porque nossa atenção, nossa consciência desperta, está engajada nas tarefas de nosso dia-a-dia, nos nossos projetos, nos nossos afazeres. Dardel (2011, p. 34) diz: “A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus

hábitos, que ele chega a esquecê-la, como pode esquecer sua própria vida orgânica”.

Por outro lado, o papel do corpo está silenciosamente presente em todo projeto e ação, em toda reflexão, em todo lugar que temos amado, odiado e construído. Por exemplo, amo meu quarto porque ele é privado; e é preciso atentar que, além de todas as possíveis discussões sobre o papel da privacidade na contemporaneidade, é interessante atentar que a condição “privado” quer dizer: as paredes, porta e janela se fecham, interrompem o alcance de outros sons, de outras vistas, de outros ventos; as paredes, porta e janela isolam (na medida do possível) meu corpo do mundo e é nisso que o privado se realiza.

Apesar de, conscientemente, não discutirmos o corpo que é sumariamente condição de nossa relação com o lugar, em diversos momentos, essa condição se impõe com mais força. Como diz Merleau-Ponty (2011):

Enquanto habito um “mundo físico”, em que “estímulos” constantes e situações típicas se reencontram [...] minha vida comporta ritmos que não têm **razão** naquilo que escolhi ser, mas sua condição no meio banal que me circunda. Assim, em torno de nossa existência pessoal aparece uma margem de existência **quase** impessoal (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 124 – grifos do autor).

É como se o lugar, se a Terra, convidasse (convite com um tom de obrigação) meu corpo: o auditório, com suas cores claras, com a concentração de grandes objetos frente às cadeiras, com o microfone, convida os indivíduos ali sentados (ao convidar seus corpos) a prestar atenção sobre aquele que fala do tablado. Se uma luz subitamente se acende, ao canto do auditório, os olhos são convidados a buscar a luz antes (ou sem que) as pessoas decidam, conscientemente, dar atenção à luz.

A todo momento, o lugar impõe ritmos, tonalidades afetivas que conscientemente não escolhemos: “uma margem de existência **quase** impessoal”, como diz Merleau-Ponty (2011, p. 124). Essa obrigação do lugar sobre nosso corpo é mais evidente na crise: por exemplo, quando não queremos, absolutamente, estar em um lugar. Não querer, absolutamente, estar no auditório é porque tudo nele lhe convidará (via corpo) a determinados modos de atenção, a determinada concentração, a lidar com determinados outros, com determinado *genio loci* com o qual você, conscientemente, não quer lidar. A forma mais simples e, também, mais drástica de recusar essa obrigação do lugar sobre o corpo é retirar o corpo daquele lugar, é sair do auditório.

Merleau-Ponty (2011) chama essa modalidade do corpo que se rende ao convite do lugar de “Eu Anterior”. Ele é anterior porque sem que tomemos a decisão, ele já agiu. Os olhos, sem que decidamos, acompanham o movimento de algo; quando penso em comer a fruta, minha mão já está pegando-a, sem que eu formule nenhum comando consciente. Quando a pessoa expansiva sente a felicidade e a empolgação de ver um amigo há muito não visto, o próprio corpo dela decide correr (sem um momento em que pense: “vou correr”) para abraçar o amigo.

A mente desperta se sente em vertigem no extremo norte, olhar o Sena subitamente provoca o choro, as águas encantam os olhos: a poética da Terra **toca nossas profundezas sem passar por nossa superfície** (BACHELARD, 1996). E isso se dá, em parte, porque no acontecimento geopoético o Eu Anterior deixa de ser um ritmo silencioso e passa a nos tomar por inteiro; oblitera a consciência e a racionalidade. O Eu Anterior nos toma e nos ata lá naquela dimensão onde as palavras convencionadas (e nossas opiniões e conhecimentos prévios) não dão conta de entender claramente.

## Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra

Fernanda Cristina De Paula

O súbito, o intempestivo, o incompreensível que marcam o acontecimento geopoético se originam desse Eu Anterior (dessa modalidade do corpo) que se encanta, age, se relaciona com um lugar sem que decidamos (com a mente desperta) como nos relacionar (por isso o acontecimento geopoético é surpreendente e fugidio à compreensão). Mas, embora o Eu Anterior seja o responsável por uma forma inesperada de sentir o lugar (atributo do acontecimento geopoético), essa modalidade do corpo não nos outorga a pré-ciência de quando o acontecimento geopoético vai ocorrer e nem do que ele despertará em nós.

Se, com o Eu Anterior podemos melhor refletir sobre o caráter súbito do acontecimento geopoético, ainda resta acerrar o fundo escuro (DARDEL, 2011), a Língua da Terra (PARDO, 1991), o inexprimível. Pondero aqui que, para compreender essa obscuridade, além de estarmos atentos ao papel sempre presente do corpo na relação com o lugar, devemos avançar na compreensão de uma condição ontológica; a qual nomeio, aqui, de Corpo-Terra<sup>7</sup>.

Para compreender a condição Corpo-Terra, é preciso atentar que não existe corpo que não seja sensível e que nós só sabemos isso que chamamos de corpo, que chamamos de indivíduo, **porque ele é sensível à Terra**. Se não existisse corpo sensível, nós nunca discerniríamos, por exemplo, a diferença entre uma cadeira e uma maçã e a diferença entre ambas e nós mesmos (ser corpo é ser sensível

à; sempre). Atavicamente, nós sabemos que somos um corpo porque o corpo realiza a sensibilidade e nessa realização, por exemplo, quando ponho a mão na maçã, o que tenho não é apenas o conhecimento tátil da maçã, o que tenho, também, é o saber de que sou a mão que toca a maçã. Logo, a todo instante o corpo nos atualiza de nossa própria existência porque nos atualiza sobre a Terra, porque sentimos a Terra. Nessa medida, nós não só sentimos a Terra, nós somos a Terra. Por isso, antes que dizer, por exemplo, “eu vejo a montanha”, podemos dizer “eu sou a montanha” como forma de comunicar a indissociabilidade do nosso corpo com a Terra. Quando sinto a montanha, eu sou um esquema corporal indissociado dela, eu sou isso que percebo, sou essas tonalidades afetivas que só existem em mim porque sinto/sou a montanha.

Dizer Corpo-Terra é uma forma de expressar a ontologia que perpassa a obra “Fenomenologia da Percepção”, de Maurice Merleau-Ponty. Se para Edmund Husserl, pai da Fenomenologia, o estamento ontológico é: a Terra é fenomênica; a partir de Merleau-Ponty o estamento ontológico é: Eu sou a Terra.

Podemos dizer que Dardel (2011) fala de um fundo escuro que é atributo da Terra e que é da relação entre o homem e esse fundo que surgem os acontecimentos geopoéticos. Pardo (1991) fala da Língua da Terra, a qual seria independente do homem e diz que a impossibilidade de compreender essa língua é o que impulsiona os acontecimentos geopoéticos de Sorger. A partir desses autores, somos levados a considerar que a obscuridade (o caráter inexprimível) dos acontecimentos geopoéticos é provinda da Terra. Mas, como é possível falar de Terra sem falar de nossos corpos? Como seria possível conceder à Terra atributos (obscuridade, sentido, língua) que sejam independentes do nosso corpo?

<sup>7</sup> Esta expressão já foi anteriormente cunhada por Ana Patricia Noguera de Echeverri. Se, aqui, utilizo este termo para expressar impossibilidade de compreender separadamente Corpo e Terra a partir de Maurice Merleau-Ponty; a filósofa colombiana também apresenta *Cuerpo-Tierra* para trazer à discussão a coopertença entre nós e a Terra, a natureza. Noguera de Echeverri discute o termo no interior de um “*Pensamiento Ambiental – Otro*”, também apoiado na fenomenologia, apontando a lógica racionalizante como uma operadora da cisão entre corpo e Terra, a qual marca nossa crise ambiental atual. Para mais detalhes, ver: Noguera de Echeverri (2012); Noguera de Echeverri ; Muñoz, 2014.

Entendo, aqui, que o pensar e a ciência que vem sendo produzidos há séculos permitem considerar que o sujeito seja separado do objeto e isto, de diversas maneiras, acaba por validar o pensamento de que o que seja considerado objeto possua atributos que são independentes do sujeito. E essa orientação do pensar acaba validando que a ideia de que a Terra, em si mesma, possui obscuridade, sentido, língua. No entanto, mesmo admitindo que há Terra em si mesma<sup>8</sup>, o que eu gostaria de reforçar é que não há qualquer possibilidade de lhe conceder atributos próprios. Para nós (que somos corpos), não existem atributos da Terra nela mesma, existem somente atributos da relação Corpo-Terra.

A cumplicidade de nosso corpo com a Terra, coloca Merleau-Ponty (2011), é um fato que se inicia desde o nascimento, que se inicia em nosso primeiro momento no mundo, que se inicia lá quando ainda não havia consciência de si ou pensamento. Na nossa vida, há uma inegável sequência: primeiro, somos corpos sensíveis, só depois é que aprendemos a pensar e, é preciso atentar: quando aprendemos a pensar, só pensamos com/por/via/graças ao sensível (MERLEAU-PONTY, 2012). Dessa forma, não existe corpo que não seja também (sempre, a todo momento) Terra; e, dessa forma, não existe qualquer pensamento, qualquer abstração, qualquer imaginação, qualquer ideação, qualquer ação humana que não seja atravessada pelo contrato inalienável entre Corpo e Terra, pelo sensível.

Assim, dizer que existe o “fundo escuro” ou a “Língua da Terra”, enquanto atributos da própria Terra, é refletir a partir de um ponto em que nos colocamos fora da condição Corpo-Terra. Como não existimos fora dessa condição, como não há nada em nós capaz de pensar fora dessa condição, não há qualquer possibilidade de conceber que a Terra, independente de nosso corpo, possua atributos.

<sup>8</sup> Posso dizer que a Terra existe independente de meu corpo, porque na minha vivência, percebo que há coisas que resistem a minha vontade, que não sou responsável pelas ontogêneses de diversas coisas (MERLEAU-PONTY, 2000). Mas, isso não outorga qualquer capacidade de falar da existência delas independente do corpo.

Dessa maneira, o que eu gostaria de reforçar é que o fundo escuro e a Língua da Terra (o obscuro) do acontecimento geopoético não é atributo da Terra, **mas sim atributo de nossa condição Corpo-Terra**. E, mesmo que eu divirja de Dardel (2011) e de Pardo (1991) no que diz respeito à origem do obscuro dos acontecimentos geopoéticos, concordo com ambos no que diz respeito à impossibilidade de trazer à luz essa obscuridade; justamente por, como dito antes, não ser possível compreender o que há antes ou fora da condição Corpo-Terra, porque só há possibilidade de compreensão (de tudo, de qualquer coisa) nela e por ela.

#### CAMINHOS: CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E GEOPOÉTICA

Para produzir (academicamente) conhecimento geográfico, foram trilhados e se trilham diferentes caminhos (todos válidos), como por exemplo: análises objetivas das dinâmicas do revelado, das formações vegetais, da atmosfera, do solo, das águas, da relação das sociedades com elas; descrição dos lugares, das distribuições de povos, culturas, construções; explicação das dinâmicas socioeconômicas e de seus impactos na produção do espaço. Independente do caminho trilhado, o que é comum aos diferentes geógrafos é uma libido geográfica, termo de Wright (2014), cuja uma das realizações se dá em se postar no lugar e se sentir inquietado, curioso e se fazer perguntas como: por que aqui é assim? Por que tais e quais coisas ocorrem aqui e não ali? O que faz com que aqui seja assim?

Com a Geografia Humanista, mais um caminho tem sido trilhado. Atentos ao que é e como é o homem (Humanismo) e ao papel disto na compreensão de geografias, há geógrafos que tem dimensionando seus questionamentos a partir de perguntas dos seguintes tipos: como

os homens se relacionam com os lugares? Como é a relação com o lugar? Por que há aqui esse tipo de relação com o lugar?

Dentro deste contexto de realização (acadêmica) de conhecimento geográfico, peço ao leitor que retome os acontecimentos geopoéticos que rememoram (no início desta reflexão). A partir da imersão nesses acontecimentos, peço que reflitam: esses seus acontecimentos geopoéticos não teriam algo a nos dizer, a ser pensado por nós? Esses seus acontecimentos geopoéticos não deporiam algo sobre nossa geograficidade? E, assim, eles não abririam caminhos para aprofundar nosso pensar, viver e fazer geografias?

A resposta para estas questões é: sim. E é por isso que, na medida em que os acontecimentos geopoéticos são uma das dimensões de nossa relação com a Terra, Gratão (2006) e Pardo (1991) propõe a Geopoética como uma postura (modo de olhar, de considerar, de compreender) para a produção de conhecimento.

Se tomamos a Geopoética como postura, é importante refletir sobre aquilo no qual a própria Geopoética se funda, a fim de potencializar essa postura. Por isso, é necessário estarmos atentos de que aquilo que funda a Geopoética é a nossa vivência de/nos acontecimentos geopoéticos.

Se, por um lado, o acontecimento geopoético é um ponto de partida para o conhecimento geográfico, por outro lado (de acordo com Dardel e Pardo) faz parte dele ter algo de obscuro, indizível e imprevisível. Compreender essa face obscura do acontecimento geopoético impacta diretamente o exercício da Geopoética e à atenção àquilo que ela pode nos ensinar.

Retomemos que, em Pardo (1991) e Dardel (2011), são designados obscuro, indizível e imprevisível as sensações surgidas na nossa relação com os lugares. Colocam também que a origem dessa obscuridade, desse indizível e imprevisível, está em um caráter oculto da Terra; o qual estaria além de nosso poder de explicação ou compreensão.

Orientando-me pelas reflexões de Merleau-Ponty, entendo que o cerne do obscuro, do indizível e do imprevisível está na nossa condição Corpo-Terra, que diz: tanto corpo quanto Terra só são (existem, se realizam, são compreensíveis) na relação entre eles (nunca como elementos separáveis). No acontecimento geopoético, uma manifestação da condição Corpo-Terra nos toma: o Eu Anterior (MERLEAU-PONTY, 2011). Este, o qual se constitui antes do pensamento e que lida com a Terra sem que a mente desperta dite ordens (fugindo a explicações, imprevisível à consciência que racionaliza).

Dessa forma, o poder de compreender o acontecimento geopoético (pois, obscuro) não está longe de nós porque está na Terra, propriamente dita. Este poder de compreensão está longe na mesma medida em que está atavicamente perto (dentro de nós): a obscuridade é aquela da relação do nosso próprio corpo com a Terra. Logo, o que a Geopoética tende a desvelar, não é o fundo escuro ou a Língua da Terra e, sim, modalidades, manifestações, mistérios, destinos de nossa condição Corpo-Terra. ☉

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, a Eduardo Marandola Jr. e a Priscila Marchiori Dal Gallo, pelas tardes de primavera e de outono em que cada um se dispôs a discutir comigo questões que foram fundamentais para a realização da reflexão apresentada aqui.

#### REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço** (Trad. Antonio Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra  
Fernanda Cristina De Paula

CASEY, Edward S. **Getting back into place**: toward a renewed understanding of the place-world studies in continental thought). Indiana: Indiana University Press, 1993.

DAL GALLO, Priscila M. **A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em Out of Africa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Campinas: Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas, 2015. 92p.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL. **8ª Bienal do Mercosul**: Ensaio de Geopoéticas. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. n.p. [Press-Kit]

GRATÃO, Lúcia H. B. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopética. In: OLIVEIRA, Lúcia; FERREIRA, Yoshiya. N.; GRATÃO, Lúcia H. B. e MARANDOLA JR., Eduardo. (Org.). **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. 165-190pp.

GRATÃO, Lúcia Helena B. **A poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!** 2002. 354p. tese (Doutorado em Geografia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. **Território**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 67-78, 1999.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: Eduardo Marandola Jr.; Werther Holzer; Lúcia de Oliveira. (Org.). **Qual**

**o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-247.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza**: curso do Collège de France. (Trad. Alvaro Cabral). São Paulo: Martins Fontes, 2000. 448p.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. (Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 662p.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. (Trad. José Arthur Gianotti; Armando Moura d'Oliveira). São Paulo: Perspectiva, 2012. 271p.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. (Trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac Naify, 2013. 187p.

NOGUERA, Ana Patricia. **Cuerpo–Tierra**. El Enigma, El Habitar, La vida. Potencias de un Pensamiento Ambiental en clave del Reencantamiento del Mundo. Madrid: Editorial Académica Española, 2012.

\_\_\_\_\_; MUÑOZ, Jaime Alberto P. **Cuerpo-Tierra: epojé, disolución humano-naturaleza y nuevas geografías-sur**. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 1, p. 20-29, Verão de 2014.

PARDO, José Luís. **Sobre los espacios pintar, escribir, pensar**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1991. 87p.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: BOARD, C.; CHORLEY, R. J.; HAGGETT, P.; STODDART, D. R. (Ed.) **Progress in Geography**. Londres: E. Arnold, 1974. p. 211-252.

WRIGHT, John. K. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n.2 p. 4-18, Inverno de 2014.

Submetido em Maio de 2015.

Revisado em Julho de 2015.

Aceito em Outubro de 2015.